

Cultura política e discurso jornalístico: uma possibilidade de estudo em história a partir da análise de jornais

Caren Aline Morsch Radtke / Unilasalle¹

Resumo: Esta comunicação propõe realizar uma reflexão a respeito da possibilidade de utilização do conceito de Cultura Política como uma abordagem comportamental para compreender a face subjetiva da política, em associação à Análise de Discurso Francesa. Destaca-se, principalmente, o conceito de interdiscurso para se trabalhar com discursos jornalísticos impressos. Essa combinação, que se insere na vertente historiográfica da Nova História Política, confere ferramentas metodológicas para o historiador compreender os discursos jornalísticos produzidos em relação ao seu objeto de pesquisa.

Palavras-chave: Cultura Política; Discursos; Jornais.

Introdução

Pensar uma proposta metodológica exige do pesquisador um debruçar intenso sobre seu referencial teórico e um olhar atento para as fontes. Teoria e Prática devem caminhar de mãos dadas no terreno, por vezes íngreme, que é a pesquisa histórica. Para isso é preciso que estejam claros os conceitos na mente historiadora.

O conceito de Cultura Política deriva da vertente historiográfica denominada Nova História Política. Para compreender esse conceito, e sua possível associação com a Análise de Discurso Francesa, se faz mister conhecer, inicialmente, um pouco mais sobre o que é a Nova História Política; para, então, pensar em sua aplicação prática.

Reflexões Teóricas: pensando e articulando conceitos

Francisco Falcon² nos fala que a história, através da escola metódica rankeana, foi conduzida à supremacia da história política factual, linear e narrativa. Essa história dita tradicional e documental, começou a ser questionada e substituída por uma história social e econômica a partir da terceira década do século XX com a Escola dos Annales, como mostra Janaína Hilário³. Essa “crise” proporcionou o que René Rémond chamou de renascimento da História Política, ou, *Nova História Política*, como se convencionou chamá-la.

Marieta Ferreira define alguns aspectos da Nova História Política quando afirma que

¹ Graduada em História pelo Centro Universitário La Salle, 2007.

² FALCON, Francisco. História e Poder. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion (org); VAINFAS, Ronaldo (org); **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

³ HILÁRIO, Janaína. História Política – cultura política e sociabilidade partidária: uma proposta metodológica. IN: **Revista Unisinos**. n. 10 v. 2. maio/agosto de 2006.

2

esta se ocupa:

[...]do estudo da participação na vida política e dos processos eleitorais, integra todos os atores, mesmo os mais modestos, no jogo político, perdendo assim seu caráter elitista e individualista e elegend as massas como seu objeto central. Seu interesse não está voltado para a curta duração, mas para uma pluralidade de ritmos que combina o instantâneo e o extremamente lento. Para Rémond, há um conjunto de fatos que se sucedem em um ritmo rápido e aos quais correspondem datas precisas, mas outros fatos se inscrevem em uma duração mais longa - é a história das formações políticas e das ideologias. (FERREIRA. 1992, p. 3)

Esta abordagem, por ter seu foco distanciado de uma história dos eventos e grandes nomes, implica, então, na utilização de novas metodologias, novas fontes e novos olhares para trabalhar com a questão do político. Conforme Falcon⁴ com a Nova História Política deixa-se de estudar o político em seu sentido tradicional, para pensá-lo em um nível de representações sociais; imaginário e memória coletiva; bem como práticas discursivas associadas ao poder.

Para Rémond:

Existem constantes que asseguram as tradições do pensamento, configurações que são estáveis, como por exemplo a separação entre direita e esquerda, os hábitos, os comportamentos. E evidente que cada país e, deveria dizer, cada povo mantém com a política uma relação que lhe é peculiar. E essa relação perdura, é perene, é transmitida de geração a geração. É, de certa forma, o que constitui a cultura política[...]. As culturas políticas variam de um país para o outro em função da experiência de cada um, da sua história. Trata-se, portanto, de heranças, que só evoluem lentamente. (RÉMOND. 1994, p.9)

Nesse sentido, observa-se a importância do conceito de *Cultura Política*, que, como coloca Ferreira⁵, “ocupa um lugar importante para a reflexão e explicação dos fenômenos políticos, permitindo detectar as continuidades no tempo de longa duração”.

Karina Kuschnir e Leandro Carneiro⁶ afirmam que esse conceito, fruto da união de diversas disciplinas como história, filosofia, antropologia, sociologia e psicologia, foi criado por Almond e Verba na década de 60, para acrescentar aos estudos políticos uma abordagem comportamental que compreendesse a face subjetiva da política. Kuschnir e Carneiro definem

⁴ FALCON, Francisco. História e Poder. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion (org); VAINFAS, Ronaldo (org); **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

⁵ FERREIRA, Marieta de M. A Nova “Velha História”: o Retorno da História Política. IN: **Estudos Históricos**. N. 10, v. 5. Rio de Janeiro:1992. p.4.

⁶ KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política. In: **Estudos Históricos**. N 24. 1999/2. p. 1.

3

cultura política como um “conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores”. Ou, como quer Janaína Hilário⁷ “um universo de percepções, sentimentos, atitudes, crenças, compromissos que definem o comportamento de um grupo, de uma instituição ou de um regime político”.

Serge Berstein⁸ aponta a dupla contribuição do conceito para a História. A primeira, diz respeito à compreensão das motivações dos indivíduos; a segunda, diz respeito à dimensão coletiva, pois:

[...] fornece uma chave que permite compreender a coesão de grupos organizados em redor desta cultura. Fator de comunhão dos seus membros, os faz participar coletivamente de uma visão comum do mundo, uma leitura compartilhada do passado, uma perspectiva idêntica de futuro, normas, crenças, valores [...] (BERSTEIN, 1997, p. 385).

Dentro do contexto da Nova história política, a cultura política encontra seu lugar à medida que:

[...]revela um dos interesses essenciais da história cultural, o de compreender as motivações dos atos dos homens em um momento da sua história por referência ao sistema de valores, de normas, de crenças que compartilham, em função da sua leitura o do passado, as suas aspirações para o futuro, as suas representações da sociedade [...] (BERSTEIN, 1997, p. 386).

No que diz respeito à aproximação da História Política com outras disciplinas, Hilário⁹ afirma que dessa união resultaram trabalhos diversos como, por exemplo, estudos sobre sociabilidade, história da cultura política e, também, em análise de discurso. Nesse sentido, pode-se ressaltar a complementaridade entre o conceito de Cultura política e o *Interdiscurso*, elemento da Análise de Discurso Francesa (AD).

Para Eni Orlandi¹⁰ a AD pretende uma compreensão da produção de sentidos e “significâncias” dos sujeitos produzidos a partir de objetos simbólicos. Essa compreensão “implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam

⁷ HILÁRIO, Janaína. História Política – cultura política e sociabilidade partidária: uma proposta metodológica. IN: **Revista Unisinos**. n. 10 v. 2. maio/agosto de 2006. p.147.

⁸ BERSTEIN, Serge. La Culture Politique. IN: RIOUX; SIRINELLI. **Pour une histoire culturelle**. Paris: Seuil, 1997.

⁹ HILÁRIO, Janaína. História Política – cultura política e sociabilidade partidária: uma proposta metodológica. IN: **Revista Unisinos**. n. 10 v. 2. maio/agosto de 2006.

¹⁰ ORLANDI, Eni P. Análise de Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2003. p.26.

4
sujeito e sentido”. O Interdiscurso, por sua vez, pode ser compreendido enquanto uma espécie de memória discursiva, ou comparado a uma “bagagem ideológica”. “Já-ditos” dos quais o sujeito não tem conhecimento, mas que, no entanto, estão incorporados em sua forma de pensar, e assim influenciam seu discurso, este, entendido enquanto processo “de identificação do sujeito, de argumentação, de subjetivação, de construção da realidade¹¹”. Nas palavras de Orlandi, o Interdiscurso consiste em:

Saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada (ORLANDI.2003, p.31).

Pode-se, então, notar o quanto se assemelham e complementam as noções de cultura política e interdiscurso. Visto que ambas estão relacionadas a “heranças” de valores, atitudes, entre outros. A Associação do conceito de Cultura Política ao Interdiscurso permite, através dos aportes metodológicos da AD, compreender Culturas Políticas através dos discursos em que elas se revelam.

Nesse sentido, é importante ressaltar ainda duas outras ferramentas da AD que têm grande valia para esse empreendimento: A *condição de produção* e a *formação discursiva*. A primeira é composta pelo contexto imediato, que é a situação de produção do discurso; e pelo contexto amplo, ou seja, a conjuntura sócio-histórica em questão. A segunda, por sua vez, refere-se aos fatores que em determinada situação ideologia determina o que pode, e o que não pode ser dito.

Para melhor compreender a possibilidade de se trabalhar essa noção cultural do político em conjunto com a Análise de Discurso Francesa, é interessante pensar a aplicabilidade dessa possibilidade para além do aspecto teórico, chegando assim ao terreno empírico da pesquisa histórica: o trato com as fontes.

Conhecendo as Fontes: os Jornais

Meio impresso e periódico de veiculação de informações, o jornal tem como matéria-prima as notícias. Conforme mostram Riella e Gorkon¹² as notícias consistem em

¹¹ ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003. p.21.

¹² RIELLA, Carlos; GORKON, Christiano Van. O jornal como subsídio para o ensino de História. In: PADRÓS, Enrique Serra (org). **Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar**.

5

“informações sobre fatos que ocorrem, relacionados e tratados de acordo com os interesses de quem emite a informação”.

A maioria das notícias de jornal, segundo esses autores, se estrutura seguindo um modelo chamado *Pirâmide Invertida* que consiste em iniciar com uma *introdução* que sintetiza a essência da matéria, seguida de um *corpo*, onde a informação é aumentada e, por fim, o *complemento*, dados complementares que, se eliminados, não afetam a informação. Vejamos como exemplo uma notícia veiculada no Jornal A Última Hora do dia 29 de Agosto de 1961 e observemos esses elementos:

Mães (com filhos ao colo) protegerão vida de Jango!

Centenas de mães porto-alegrenses, com seus filhos ao colo, vão formar guarda de honra para o presidente João Goulart caso Jango venha para esta capital. *[Introdução]*

Em vibrante memorial enviado ao governador Leonel Brizola, com as assinaturas de centenas de Senhoras, foi comunicada a heróica decisão.

- “Morreremos, se for preciso, com nossos filhos ao colo, mas ao lado de Jango, que é o verdadeiro presidente do Brasil. V. Exa., sr. governador, pode dispor de nossas vidas, a qualquer momento. Assim que o presidente João Goulart anuncie sua vinda a Pôrto Alegre, nosso exército voluntário estará no aeroporto, para proteger, com nosso protesto, a vida do presidente”. Êste é um dos tópicos do significativo memorial. *[corpo]*

- “Queremos ver se aqueles que querem transformar a democracia em ditadura têm coragem de bombardear nossos filhinhos” – diz o documento a certa altura. *[complemento]*¹³

Nota-se, deveras, que, se fosse lido apenas a manchete (título) e a introdução da matéria, ficaria claro para o leitor que um grupo de mães protegeria João Goulart caso ele fosse para Porto Alegre. Independente do restante das informações, este é o principal enfoque da reportagem.

Riella e Gorkon defendem que este é o modo majoritariamente utilizado pelos jornais em suas reportagens, pois, muitas vezes, os leitores se atêm apenas ao conteúdo da parte inicial não lendo a notícia até o fim. Este seria, portanto, um meio de assegurar que os leitores ficarão inteirados sobre a informação que se quer transmitir mesmo que não leiam até o final.

No entanto deve-se considerar que o jornal não se resume apenas a características estruturais e de configurações. Pois as notícias, à medida que são escritas por pessoas (jornalistas), são influenciadas pelo ponto de vista de quem as escreve. Por isso a necessidade

6

de se recorrer a elementos que possam atestar a verossimilhança do que é dito, como veremos a seguir.

O jornal por ser um divulgador de notícias tem uma função, assim como o jornalismo como um todo. Mayra gomes¹⁴ mostra a função testemunhal do Jornalismo enquanto confirmação e vigilância do Estado, bem como de desenvolver o desenho social através da difusão de valores.

Este testemunho do jornal enquanto produtor de significados, para comprovar sua "realidade" e se distanciar da idéia de suposição, se baseia na referencialidade, ou seja, citações, entrevistas, fotografias, estatísticas, enfim, recursos que remetem ao real e provocam o que a autora chama de *Efeito de Real*. Promovendo, assim, a credibilidade do jornal junto aos leitores através da verossimilhança. Observando novamente o exemplo anterior pode-se notar que, na matéria sobre as mães que formariam guarda para proteger Jango, a maior parte da notícia consiste em citações de um documento supostamente escrito por essas mulheres e enviado ao governado Leonel Brizola. Isso para "provar", ou comprovar, que realmente haviam mães que estavam dispostas a morrer em favor da defesa do presidente. O documento aparece, nesse sentido, como referencia da realidade, para provocar o referido *efeito de real*.

Conforme mencionado, é importante lembrar que as matérias dos jornais sempre seguem o ponto de vista de quem as escreve. O jornal enquanto instituição também possui pontos de vista. No sentido de que sabemos que o que é escrito não é a verdade *de fato* sobre os fatos acontecidos, mas, sim, discurso. E não só o que é dito, mas as próprias referencialidades são também parte desse discurso:

Tanto a fotografia quanto a entrevista e a citação são recortes, escolhas. Ora, no fundamento do recorte há uma estrutura lacunar: algo está de fora, algo foi excluído, pois trata-se de um viés e sempre de uma descontextualização. Trata-se aqui do fragmento valendo *por*, sempre outra coisa que o referenciado. Impossível sustentar a tese de apresentação de um real *tal qual* nessas condições. "O verossímil não é aqui referencial, mas abertamente discursivo: são as regras genéricas do discurso que ditam a lei" (GOMES, 2000, p.30).

Refletindo a respeito desse caráter discursivo do jornal, deve-se ter em conta que, enquanto sujeitos, tanto os produtores do discurso, quanto os receptores, estão munidos de uma bagagem simbólica (valores, crenças, atitudes, ou seja, a Cultura Política em si, e

¹⁴ GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Hacker editores/Edusp, 2000.

7

também sua memória discursiva). Portanto, o acesso ao real sempre se dá de forma mediada pelo simbólico¹⁵. À medida que os produtores dos discursos os concebem mediante pontos de vista engendrados por sua Cultura Política. E os receptores, por sua vez, têm a apreensão dos discursos mediada por outros pontos de vistas, gerados por outras Culturas Políticas.

Compreendendo Discursos, Conhecendo Culturas Políticas: Metodologia

Para chegar ao entendimento das Culturas Políticas dos jornais, e então, compreender os discursos destes sobre determinados assuntos, parte-se, portanto, para a aplicação metodológica da Análise de Discurso Francesa.

A base da análise encontra-se na constituição do *corpus*, que para Orlandi se dá através de critérios teóricos e não empíricos¹⁶. Se o objetivo da pesquisa está em compreender discursos de jornais, critérios teóricos levam a tomar como fontes os jornais. Dependendo do assunto que se pretende averiguar, critérios teóricos conduzirão a determinadas reportagens. Elenca-se, então, que Jornais serão analisados e que reportagens são mais significativas para chegar ao resultado perseguido.

Constituído o *Corpus* da pesquisa, parte-se para sua análise, propriamente dita. Inicialmente o conjunto das fontes deve passar por um processo de de-superficialização, que consiste em perguntar sobre quem disse, o que disse, como disse, em que circunstância. Observando a formação imaginária (que imagem tem sobre) e a relação de força (de que lugar fala). Assim desfazendo o efeito ilusório de que aquilo só poderia ter sido dito daquela maneira, constituindo, assim, o objeto discursivo¹⁷.

Em seguida, passa-se a observar os modos de construção, circulação e estruturação de gestos diversos de leitura que formam os sentidos do texto analisado. A partir dos vestígios aí encontrados é que se dá o desenvolver da análise que segue na procura pelo processo discursivo. Para isso se faz necessário remeter à formação discursiva (aquilo que em uma determinada formação ideológica define o que pode, e o que deve ser dito), que permite

¹⁵ GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo: Hacker Editores/Edusp, 2000.

¹⁶ ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 62.

¹⁷ ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 65.

8

“compreender o processo de produção dos sentidos” e também a “sua relação com a ideologia”¹⁸.

Historia, cultura política e jornais: um estudo de caso

À guisa de exemplo, cito aqui, como mostra da pertinência da proposta, o trabalho *Discursos Sobre as Mulheres da Legalidade: A Presença Feminina nas Manifestações Pró-Legalidade Através da Perspectiva Jornalística (Porto Alegre – 1961*¹⁹), onde desenvolvo uma análise, a partir de reportagens e fotografias, sobre os discursos produzidos por cinco jornais, a respeito da presença de mulheres nas manifestações pela Legalidade.

Tendo como principal suporte a história, considerando a campanha pela Legalidade e as trajetórias tanto do jornalismo no Rio Grande do Sul quanto dos jornais em específico, foi possível compreender a conjuntura e os fatores que influenciaram na produção dos diferentes discursos, entendendo a cultura política que orientava os jornais enquanto instituição.

Como resultado da pesquisa obtive respostas para as três perguntas que nortearam o trabalho, como mostra o quadro:

Quadro 1 - Quadro Comparativo sobre os Discursos dos Jornais

	Como abordou a presença feminina na cobertura do episódio da Legalidade?	Deu visibilidade ou omitiu a presença de mulheres no movimento?	Que tipo de discurso foi produzido pelo jornal em relação à essa presença?
A Hora	Não aborda	Omite	De omissão, pois não fala nada a respeito.
Correio do Povo	Pouco, através de reportagens, mas abre espaço para publicações de manifestos.	Não omite mas também não dá visibilidade	Discurso contraditório, pois não enfatiza presença do povo, só cede espaço para publicar notas. Não fala muito das mulheres, pois segue uma postura conservadora na qual o lugar da mulher é junto da família.
Folha da Tarde	Apenas em poucas fotografias.	Omite	Não enfatiza nada sobre a presença no movimento, mas tem discurso no qual o lugar da mulher é na instância do privado.

18 ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2003. p. 67.

¹⁹ Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por mim em 2007, no Centro Universitário La Salle/Unilasalle, sob orientação da Prof.^a Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin.

Última Hora	Aborda de maneira exaltada, tanto através de manchetes e reportagens, como por fotografias.	Dá visibilidade	Discurso exaltado voltado para as camadas populares. Apropria-se das falas das mulheres.
Diário de Notícias	Aborda com reportagens, e fotografias, mas, não de maneira exaltada.	Dá visibilidade	Quando se refere à práticas comuns à mulher é com apreciação. Iniciando com um sentido de surpresa, que acaba em aceitação.

Fonte: RADTKE, 2007, p.44.

Considerações Finais

Fica claro, então, que para compreender um determinado discurso é preciso não só conhecer seu contexto sócio-histórico de produção, mas, também, o que influencia ideologicamente esse discurso. Ou seja, é fundamental considerar a Cultura Política e a memória discursiva (Interdiscurso) dos sujeitos em questão. Nesse caso os jornais. A maneira como esses jornais abordam as questões esta intimamente ligada com suas Culturas Políticas. Pois essas, enquanto conjunto de valores, percepções, atitudes, definem comportamentos.

Ponderando, seguidamente, que a AD demanda um ir e vir constante entre teoria e consulta ao *Corpus* de análise. Por isso essa intensa fusão que ocorre entre a Cultura Política e o Interdiscurso, pois ambos se complementam. E possibilitam, então a compreensão de discursos jornalísticos (e dos mais variados tipos de discurso, além deste) e da Bagagem simbólica que os influencia.

Referências Bibliográficas

- BERSTEIN, Serge. La Culture Politique. IN: RIOUX; SIRINELLI. **Pour une histoire culturelle**. Paris: Seuil, 1997.
- FALCON, Francisco. História e Poder. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion (org); VAINFAS, Ronaldo (org); **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FERREIRA, Marieta de M. A Nova “Velha História”: o Retorno da História Política. IN: **Estudos Históricos**. N. 10, v. 5. Rio de Janeiro:1992.
- GOMES, Mayra Rodrigues. **Jornalismo e Ciências da Linguagem**. São Paulo: Hacker editores/Edusp, 2000.
- HILÁRIO, Janaína. História Política – cultura política e sociabilidade partidária: uma proposta metodológica. IN: **Revista Unisinos**. n. 10 v. 2. maio/agosto de 2006.
- KUSCHNIR, Karina; CARNEIRO, Leandro Piquet. As Dimensões Subjetivas da Política: Cultura Política e Antropologia da Política. In: **Estudos Históricos**. N 24. 1999/2.

10

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes, 2003.

RADTKE, Caren A. M. **Discursos Sobre as Mulheres da Legalidade: A Presença Feminina nas Manifestações Pró-Legalidade Através da Perspectiva Jornalística (Porto Alegre – 1961)**. Trabalho de Conclusão de Curso. UNILASALLE, 2007/2.

RÉMOND, René. O Retorno do Político. In: CHAUVEAU (org); TÉTART (org). **Questões para a história do presente**. Bauru: EDUSC, 1999. p. 51-60.

_____. Por que História Política? **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v 7, n 13, 1994, p. 7-19

RIELLA, Carlos; GORKON, Christiano Van. O jornal como subsídio para o ensino de História. In: PADRÓS, Enrique Serra (org). **Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar**. Porto Alegre: EST, 2002.

TÉTART, Philippe. **Pequena História dos Historiadores**. Bauru: EDUSC, 2000.